



### Implicações para as empresas portuguesas

## “Se tivesse de apostar num *hard* Brexit ou na possibilidade de um acordo, apostava no primeiro”

Em torno da incerteza que ronda o Brexit, o desfecho está longe de adivinhar. Ainda assim, uma coisa é certa: segundo referendo é altamente improvável e saída sem acordo começa a afigurar-se, apontam os oradores da Advocatus Summit.

Por ANA SOFIA FRANCO

#### O QUE AÍ VEM É “GEOMETRIA DO ESPAÇO”

“É um pouco geometria do espaço o que é que vem aí e o que o Brexit signi-

fica agora”, começou por caracterizar Francisco Seixas da Costa, ex-secretário de Estado dos Assuntos Europeus, sobre o que se pode esperar do Bre-

xit, agora que Theresa May se demitiu. No meio da incerteza quanto ao desfecho da saída do Reino Unido da União Europeia (UE), há uns quantos palpites. A improbabilidade de um segundo referendo acontecer é elevada e o *hard* Brexit parece cada vez mais certo. Empresas portuguesas maiores já estão preparadas, mas PME não têm a mesma capacidade de resposta, apontaram os especialistas do último painel da Advocatus Summit.



“O Brexit não é o fim do mundo. Saindo com um acordo pior no dia 31 de outubro, isso não implica um apocalipse no dia 1 de novembro. O Reino Unido teve sempre uma posição *sui generis* na UE. Acho que não é uma ameaça ao projeto europeu”

**Patrícia Fragoso Martins**

Professora da Universidade Católica Portuguesa

### SEGUNDO REFERENDO? POUCO PROVÁVEL, MAS HARD BREXIT É QUASE CERTO

Para Patrícia Fragoso Martins, professora da Universidade Católica Portuguesa, o cenário de acontecer agora um segundo referendo ao Brexit é uma hipótese que afasta.

“É preciso perceber que o Reino Unido não tem uma tradição referendária e acho muito difícil que se faça um segundo referendo quanto ao Brexit. Parece-me improvável”, admitiu, referindo que a solução de *backstop* para a fronteira com a Irlanda



“Da experiência que tenho, as empresas já têm todas o seu plano de contingência preparado e não esperaram pelo Governo, mas falando das grandes empresas. Com as PME poderá haver mais dificuldades”

**Mafalda Martins Lourenço**  
Consultora da Abreu Advogados

ainda cria “bastante incerteza jurídica”.

Também Francisco Seixas da Costa não vê o segundo referendo como possível e acha que uma saída sem acordo é mesmo o mais provável de acontecer. “O acordo que ali está é aquele ou nenhum. Se tivesse de apostar entre um *hard* Brexit ou a possibilidade de um acordo apostava no primeiro”, continuou. “A possibilidade de chegarmos a outubro sem acordo é muito elevada”.

Para Patrícia Fragoso Martins o problema neste momento é mesmo o grau de incerteza que ronda o Brexit ainda. “A saída

da primeira-ministra agudiza ainda mais essa incerteza. O cenário do *hard* Brexit é mesmo cada vez mais provável do que há uns tempos atrás”, concordou.

**PORTUGAL ESTARÁ A FAZER O SUFICIENTE PARA APOIAR AS EMPRESAS EM CASO DE UM HARD BREXIT?**

#### **SERÁ QUE AS EMPRESAS ESTÃO PREPARADAS NA EVENTUALIDADE DE UMA SAÍDA SEM ACORDO?**

Mafalda Martins Lourenço, consultora da Abreu Advogados, explicou que este momento está a ser único para todos os envolvidos, mas que pela sua experiência as empresas maiores em Portugal não esperaram pelo Estado e já estão precavidas. Uma capacidade que escapa, no entanto, às PME. De qualquer modo, todos saem a perder, apontou. “A UE nunca se deparou com uma situação



Moderador:  
Pedro Sousa Carvalho,  
diretor executivo do ECO



“O que é essencial no fundo é que Portugal está muito limitado para já e desde o Brexit várias ideias de sair da UE despontaram. Seria um pesadelo para as regiões do Algarve e da Madeira não ter ingleses”

**Bernardo Trindade**

Presidente da comissão executiva da Portugal In

**Qual é o grau de impacto do Brexit na economia portuguesa? 60% da plateia respondeu “médio”, 36% apontou para “alto” e 4% respondeu “baixo”**

destas, estamos todos a ser espectadores de primeira viagem. Mas qualquer que seja a nossa perspetiva será sempre uma situação de *lose/lose*”.

Depois do Brexit, o Reino Unido terá de ser visto como um país terceiro, adiantou a jurista e “quando falamos da relação com um país terceiro entram todas as questões aduaneiras, de trabalho, das pessoas de cá que estão lá. Já temos uma lei que facilitará a estadia dos imigrantes ingleses cá, esperando que o Reino Unido faça o mesmo connosco, mas estamos na expectativa”.

No meio deste caótico processo, o que está a acontecer é a “deslocalização por parte dos bancos e de outras entidades financeiras para jurisdições dentro da União Europeia, aquela que restará depois

do Brexit, designadamente para Dublin”, notou Hugo Rosa Ferreira, sócio da PLMJ.

“Há uma deslocalização que é parcial”, adiantou, acrescentando, contudo, que será “difícil que haja uma deslocalização do centro financeiro londrino, por excelência”.

#### **E A RELAÇÃO COM PORTUGAL SERÁ PRIVILEGIADA NO FUTURO EM RELAÇÃO A OUTROS PAÍSES?**

Para Bernardo Trindade, presidente da comissão executiva da Portugal In, a relação ancestral de Portugal com o Reino Unido, que remonta ao século XIV, é um bom ponto de ligação a manter. “Este conjunto de acontecimentos reafirmou a nossa relação”, considerou. “Hoje há claramente uma relação forte que Portugal quer conservar. O Reino Unido foi



“Acho que nos afastámos do Reino Unido nos últimos tempos, desde a nossa integração na UE. Continuo a achar que uma União Europeia sem o Reino Unido é uma União desequilibrada. Mas no pós-Brexit há questões que serão limitativas. Teremos de seguir aquilo que a UE quiser”.

**Francisco Seixas da Costa**

Ex-secretário de Estado dos Assuntos Europeus



“Aquilo que nós estamos a verificar é a deslocalização por parte dos bancos e de outras entidades financeiras para jurisdições dentro da União Europeia, aquela que restará depois do Brexit, designadamente para Dublin”

**Hugo Rosa Ferreira**

Sócio da PLMJ

responsável por cerca de 23% de investimento estrangeiro em Portugal”, afirmou. Portugal “não se pode dar ao luxo de perder esta ligação”, defendeu Bernardo Trindade, que explicou que na Portugal In o objetivo é ajudar as empresas britânicas

com eventuais danos e trazê-las para cá. “Pessoalmente, o mais importante para mim é como a administração pública pode melhorar para o investimento estrangeiro ser maior”, realçou.

Seixas da Costa, porém, diz que Portu-

gal se afastou do Reino Unido nos últimos tempos e que uma UE sem Reino Unido é uma “União desequilibrada”. “Teremos de seguir aquilo que a UE quiser. Mas não sejamos muito otimistas sobre políticas que possam estar ligadas ao *core* comunitário”, destacou.

Hugo Rosa Ferreira concordou, mas duvida de que a solução para o Brexit possa espoletar todo o repensar do projeto europeu. “Um dos cenários em que uma crise comunitária poderia acontecer seria no caso de o Reino Unido ter uma relação de privilégio com a UE e outros estados externos quere-rem-na também. No caso de um *hard* Brexit será esse o caso”, acabou o advogado. ●